

# **AVALIAÇÃO DA LÍNGUA DE SINAIS BRASILEIRA EM ESTUDANTES SURDOS DE ENSINO MÉDIO EM ESCOLAS INCLUSIVAS E BILÍNGUES PARA SURDOS**

Luiz Antonio Zancanaro Júnior

Faculdade Avantis

## **INTRODUÇÃO**

Saber de que forma se dá a aquisição da linguagem da criança surda ainda é grande desafio. Há atualmente muitos surdos que nascem em famílias ouvintes, que utilizam um canal de comunicação totalmente oral, onde desconhecem a língua de sinais, ocorrendo assim uma escassez da interação familiar, apresentando um atraso significativo na aquisição da linguagem, bem como no aprendizado escolar.

Essas famílias tem a opção de escolher de que forma se dará a educação de seus filhos, ou na escola inclusiva ou em escolas bilíngues. Partindo deste pressuposto este trabalho despertou o interesse de se fazer a pesquisa baseada na comparação entre dois ambientes escolares em diferentes contextos: o inclusivo e o bilíngue, em relação ao desempenho linguístico na compreensão e produção em Libras.

Algumas pesquisas já desenvolvidas no Brasil e no exterior (SACKS, 1990; CAPOVILLA et al., 2005; HRASTINSKI; RONNIE, 2016) indicam que há número significativo de alunos surdos que frequentaram vários anos na escola inclusiva e não apresentam bom desempenho quando comparados aos alunos ouvintes, apesar de surdos e ouvintes terem capacidades cognitivas semelhantes. O evidente sistema de ensino, não adequado, denuncia os dados mostrando a necessidade de urgência de mudança, para favorecer o desenvolvimento pleno dessas pessoas.

Neste trabalho não se investigou a avaliação de instrumento da leitura da língua português como segunda língua para surdos, para fazer a análise da compreensão e da produção em Libras como primeira língua devido à falta dos recursos da avaliação da língua própria dos surdos, a presente análise investigou a aquisição da linguagem por meio do desempenho linguístico de alunos surdos que frequentaram escolas bilíngues e escolas inclusivas considerando que pode haver diferenças no *input*<sup>1</sup> linguístico e, portanto, diferenças no desempenho linguístico na compreensão e na produção em Libras usando o instrumento de avaliação de duas escolas no contexto educacional em relação ao desenvolvimento linguístico fazendo uma comparação.

---

<sup>1</sup> *Input* significa entrada, nesse caso, a língua de sinais à qual a criança está tendo acesso, vendo ou ouvindo (QUADROS; CRUZ, 2011, p. 18).

Assim, o principal objetivo desta pesquisa foi verificar, através de testes de avaliação da compreensão e produção em Libras, o desempenho linguístico de estudantes surdos de Ensino Médio, entre 14 e 18 anos, com históricos educacionais distintos: de educação bilíngue (EB) e de educação inclusiva (EI). Para tanto, é importante que tenham passado pela aquisição da Libras como primeira língua (L1) até os 7 anos de idade, e que, a partir dos 7 anos, o contato com a língua de sinais diário some mais 7 anos (dos 7 até os 14 anos de idade), ainda que sejam filhos de pais ouvintes.

Considerando os dois contextos educacionais mencionados, é importante esclarecer que no Brasil, em escolas bilíngues e classes bilíngues, os surdos aprendem como primeira língua a Libras e a Língua Portuguesa na modalidade escrita como segunda língua, visto que é a língua majoritária no Brasil. Já no contexto educacional inclusivo, os surdos têm o direito da matrícula garantido para o acesso à escola e deve contar com um profissional tradutor intérprete de Libras, que é o responsável em traduzir de uma língua fonte para uma língua-alvo, mediando a comunicação com demais colegas, professores e funcionários do ambiente escolar.

Ao analisar o nível de compreensão e de produção em Libras, esta pesquisa visa contribuir com as discussões da área da Educação, podendo subsidiar a elaboração de políticas linguísticas voltadas à educação de surdos, considerando a prioridade da língua de sinais, que é a língua natural da comunidade surda.

## **2 AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR SURDOS**

No Brasil, as pesquisas desenvolvidas sobre aquisição de Libras por crianças surdas filhas de pais surdos datam dos anos de 1990 (KARNOPP, 1994; 1999; QUADROS, 1995; 1997). Entretanto, as primeiras investigações sobre o processo de aquisição da linguagem de crianças surdas filhas de pais surdos foram desenvolvidas em outras línguas de sinais, principalmente na Língua de Sinais Americana (ASL) (FISCHER, 1973; HOFFMEISTER, 1978; MEIER, 1980; PETITTO, 1987). Somente uma pequena parcela das crianças (5%) nasce em lares em que uma língua de sinais é utilizada e, portanto, tem acesso à Língua de Sinais desde o nascimento, pois em seguida apresenta questões relacionadas às diferentes possibilidades de início da aquisição da linguagem pelas crianças surdas.

Algumas pesquisas (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1997) com crianças surdas já revelaram a importância do contato precoce com uma língua de sinais, porém, sendo filhas de pais ouvintes que utilizam exclusivamente uma língua oral, não há uma relação de

identificação nesse contexto, uma vez que não existe exposição àquela língua. Sendo assim, essas crianças poderão ficar sem linguagem, porque não adquiriram nem a língua dos surdos, tampouco a dos ouvintes. Em alguns casos, essas famílias poderão desenvolver uma forma de comunicação caseira, através de gestos convencionalizados e restritos a esse ambiente familiar.

As pesquisadoras mencionadas (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1997; QUADROS; CRUZ, 2011) realizaram pesquisas em aquisição da linguagem por crianças surdas filhas de surdos e verificaram que as produções delas se equiparam às de ouvintes, porque estão fazendo isso naturalmente. A capacidade de produzir, se desenvolver e compreender é a mesma para os dois perfis de crianças, ainda que as línguas se apresentem em modalidades diferentes. O *input* ao qual estão expostas é que vai proporcionar essa aquisição espontânea e natural, porque a criança está inserida num contexto familiar em que tem a oportunidade de adquirir a língua dos pais. Sendo assim, as crianças surdas alcançam mesmo desempenho nos mesmos estágios e durante todo esse período que as crianças ouvintes.

## **2.1 A AQUISIÇÃO DA LINGUAGEM POR CRIANÇAS SURDAS FILHAS DE OUVINTES**

Muitos desses surdos não usam a língua de sinais, desenvolvem apenas uma comunicação restrita com a família, estão inseridos numa sociedade ouvinte sem *input* linguístico convencional e lhes falta um modelo surdo. Grande parte dos pais dessas crianças surdas optam por ensinar-lhes uma língua falada na modalidade oral, a língua majoritária. Segundo Pizzio e Quadros (2011), crianças surdas com pais ouvintes, por uma opção dos pais, não utilizam a língua de sinais. Porém, dependendo do grau da perda auditiva que se tem, o desempenho no processo de aquisição da língua na modalidade oral não será satisfatório, então a criança surda necessitará de muito treinamento, além de ter crescido em meio a referências adultas, somente, o que poderá acarretar uma relação de dependência com a família, com excessos de cuidado de proteção.

Crianças surdas passam a se comunicar com suas famílias ouvintes através de sistema gestual individual ou sinais caseiros que servem para uso restrito. Pizzio e Quadros (2011) observaram que esses sistemas demonstram regularidades estruturais características das primeiras produções gestuais observadas nas crianças em geral: o uso de gesto de forma consistente, o uso de estruturas recursivas (uso de estruturas subordinadas ou de sentenças coordenadas), e uma morfologia interna dos gestos. Mas não é um sistema linguístico

completo, os sistemas de sinais caseiros apresentam propriedades essenciais das línguas humanas. A pesquisa identificou que na falta de *input* linguístico convencional as crianças desenvolvem um sistema do tipo linguístico. Portanto, sinais caseiros não têm uma estrutura completa como as línguas de sinais e que possuem papel significativo no desenvolvimento de certas propriedades linguísticas.

Podemos perceber que, diante dessa analogia que fizemos, entre famílias surdas e ouvintes, as primeiras aceitam naturalmente que seu filho surdo se comunique através da língua de sinais. Nesse caso, a criança apresenta aquisição da linguagem precocemente e se desenvolve em diversos sentidos, poderá ter melhor aprendizagem de uma língua oral na modalidade escrita, desenvolver níveis de leitura, adquirir conhecimento acadêmico porque lhe foi dada oportunidade através da língua. Em vários aspectos podemos verificar semelhanças com aqueles ouvintes que nascem em famílias ouvintes, sem problemas sociais ou afetivos, diferentemente dos surdos que nascem em famílias ouvintes.

Algumas pesquisas (KARNOPP, 1994; QUADROS, 1997; CRUZ; QUADROS, 2011) já demonstraram que as crianças surdas, filhas de pais ouvintes, por não serem expostas à língua de sinais, sistema natural para a comunicação e identificação com a família, sofrem uma aquisição de linguagem tardia. Se esses surdos não têm o contato com a própria língua materna, há outras formas de comunicação que os filhos surdos podem estabelecer com seus pais ouvintes, mesmo que eles não saibam uma língua de sinais. Nesses casos, poderá ocorrer importantes limitações na comunicação, inclusive com a sua família, algo extremamente sério e relevante para o seu desenvolvimento, sobretudo porque poderá levar-lhes ao isolamento social.

Quando esse surdo chega à escola, é comum identificarmos essa escassez de linguagem, devido ao desconhecimento da família sobre a língua de sinais como primeira língua do sujeito, a família não aceitou seu filho surdo adquirir linguagem em Libras, ela pode ter opção pela fala ou ainda, orientação oralista, e entre outros. Ele é encaminhado para que a escola então resolva seu “problema” e lhe ofereça um ambiente de aprendizagem bilíngue. Para tanto, o contato com adultos surdos e com demais integrantes da família, bem como com outras crianças surdas em diferentes contextos através da Libras, deve ser priorizado. Existem leis que garantem a acessibilidade, porém é grande a realidade de muitas crianças surdas ainda com aquisição tardia de língua de sinais. Quadros (1997, p. 30), afirma que:

a criança precisa ter contato com surdos adultos. A presença de adultos apresenta grandes vantagens dentro da proposta bilíngue. Primeiro, a criança, tão logo tenha entrado na escola, é recebida por um membro que pertence à sua comunidade

cultural, social e linguística; assim, ela começa a ter oportunidade de criar a sua identidade. Segundo, essa criança começa a adquirir a sua língua natural. Tais vantagens são imprescindíveis para o sucesso da proposta bilíngue. Deve haver um ambiente próprio dentro da escola (ou em outro lugar) para desenvolver a linguagem e o pensamento da criança surda; assim, tornar-se-á possível o ensino de uma segunda língua, caso contrário, a criança surda não terá chances de apresentar um domínio razoável da língua portuguesa.

Quando a criança chega à escola sem ter adquirido linguagem é fundamental que o trabalho seja direcionado para esse processo através de uma língua visual-espacial. A aquisição da linguagem em seu processo favorece o desenvolvimento também das relações sociais, de seu modo de ser e de agir, ou seja, a constituição do sujeito. Como mencionado por Góes (2000, p. 31): “a produção de significados em relação ao mundo da cultura e a si próprio é um processo necessariamente mediado pelo outro, é efeito das relações sociais vivenciadas” através da linguagem.

É fato, como já mencionamos, que as crianças surdas, filhas de ouvintes e que não participam da Comunidade Surda, que não têm contato com surdos adultos e com a própria cultura surda, poderão ficar sem linguagem.

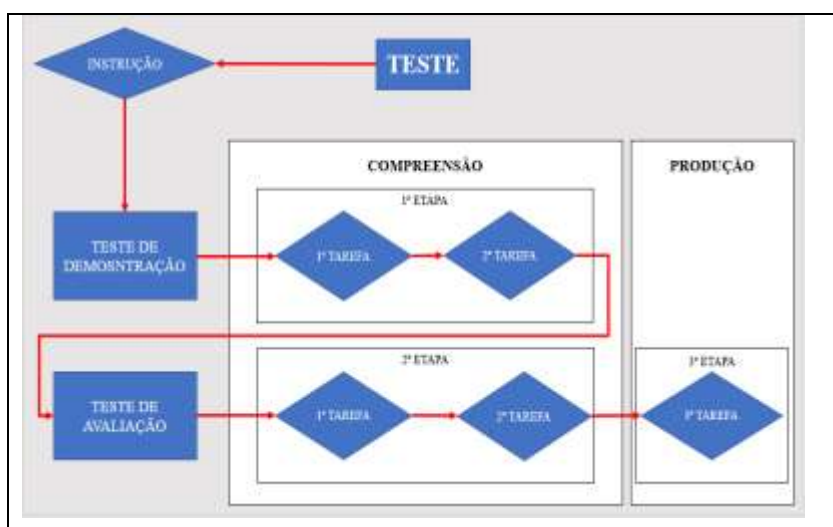
Sendo assim, a aquisição da língua de sinais por surdos filhos de pais ouvintes, poderá acontecer em ambientes institucionais como: escola, clínicas e locais que ofereçam atendimento especializado. Embora seja imprescindível a necessidade de pais ouvintes aprenderem Libras, não identifica essa questão como singular e como problemática: podendo sim ao indivíduo surdo aprender língua materna em um contexto institucional. O aprendizado da língua de sinais somente poderá ocorrer na interação com adultos surdos que apresentarem a elas o funcionamento linguístico de uma língua de sinais por meio de atividades discursivas, da interação com outros adultos surdos que sejam professores naquela escola e outros profissionais surdos usuários da língua de sinais; também com professores ouvintes fluentes e que se comunicam através da Libras durante o cotidiano escolar.

Cabe salientar, ainda, sobre a importância de os pais ouvintes aprenderem a Libras para se comunicarem na língua do seu filho surdo, contribuindo assim para o desenvolvimento da aquisição da linguagem dele. Por meio do interesse constante dos pais em procurar condições que levem a entenderem a língua de seu filho, esse surdo se sentirá mais encorajado a aprender sua língua e valorizá-la.

### 3 METODOLOGIA

Os testes em Libras para condução desta pesquisa foram elaborados com a finalidade de verificar o nível de desenvolvimento da linguagem em estudantes surdos. Todos os testes aplicados foram apresentados com recurso de computadores. Para o teste de demonstração, compuseram-se duas tarefas e para o de avaliação, outras três tarefas, duas com a finalidade de verificar a compreensão e uma para verificação da produção em Libras.

Figura 01 – Visualização das etapas



No quadro da compreensão (nos testes de demonstração e de avaliação) há duas tarefas diferentes, sendo que, na primeira tarefa os participantes assistem aos vídeos sinalizados, e após a visualização de cada vídeo, visualizam diferentes imagens e selecionam a opção de resposta que corresponde exatamente ao conteúdo do vídeo sinalizado. Na segunda tarefa, os itens de vídeos sinalizados são mais longos e vocabulários extenso, é mais complexo, o participante assiste a vídeos sinalizados e, após a visualização de cada vídeo, os participantes respondem a questões de múltipla escolha, também sinalizadas. As duas tarefas da compreensão são diferentes, porque os vídeos sinalizados são os mesmos, mas a alternativa dessas tarefas é diferente, nível de complexidade fácil e difícil.

As formas de avaliar a compreensão no teste de demonstração podem ser, por exemplo, informais (demonstração do significado no mesmo treino), onde o pesquisador tem oportunidade de dialogar com os participantes em situações de interação natural, evitando assim constrangimentos. Ao verificar que os mesmos não haviam entendido, o pesquisador pode auxiliar por meio de demonstrações, nessa etapa. No caso do teste de avaliação, os

participantes assistiram ao vídeo individualmente, sem contato com os demais participantes, para a avaliação da compreensão.

Após o término do teste de avaliação da compreensão, iniciou-se a aplicação do teste de avaliação da produção. O desenho animado, apresentado na avaliação da produção é um recorte de uma história de “Mr Bean – *Prison Break*”, com um minuto de duração. O participante entendendo a história vista, em seguida, podia começar a narrar o que assistiu, que foi registrado por meio de filmagem. No caso da produção não houve o planejamento e preparação antes de treinar porque os participantes são surdos e usuários de Libras como L1, eles produziram naturalmente a narração de suas histórias, na compreensão ao assistir ao vídeo.

Após a coleta dos dados obtidos com a aplicação dos testes, para as questões dos participantes foram registradas as respostas, para fazer a análise dos dados utilizando o desempenho dos participantes na avaliação da compreensão foi pontualidade a quantidade de acertos dos itens nas tarefas. Na análise do desempenho da produção foi considerada a qualidade da narrativa e a quantidade de vocabulário. Através dos resultados dos dados foram gerados os gráficos da comparação do grupo de surdos que frequentam a educação inclusiva e educação bilíngue em relação ao desempenho linguístico.

Realizou-se visita à estudantes de uma escola inclusiva, na faixa etária de 14 a 18 anos de idade, na microrregião de Itajaí/SC e à estudantes da mesma faixa etária de uma escola bilíngue para surdos na cidade de Santa Maria/RS. Essa decisão se deu pelo fato de o Estado de Santa Catarina não possuir uma escola bilíngue para surdos.

Os testes da avaliação da compreensão e da produção em Libras foram realizados com 27 participantes, 14 participantes do grupo da EI e 13 participantes no grupo da EB, com idade entre 15 e 49 anos. Para análise de dados foram considerados os resultados das avaliações dos participantes que estavam de acordo com os critérios de inclusão/exclusão, previamente estabelecidos. Assim, na amostra final foram analisados os dados de 5 participantes da EI e 4 participantes da EB.

Os participantes que estavam de acordo com os critérios de inclusão/exclusão que elencamos fizeram parte da amostra final desta pesquisa. Os critérios estabelecidos foram: (a) não ter pais ou familiares surdos usuários de Libras, pois estes participantes teriam iniciado o processo de aquisição desde o nascimento. (b) para os participantes advindos de escola bilíngue: Terem utilizado a língua de sinais como língua de instrução nos anos finais do Ensino Fundamental, com histórico escolar de escola bilíngue, em que também os profissionais (além dos professores) e demais alunos surdos usam a língua de sinais para a

interação de modo geral; (c) para os participantes com histórico escolar de educação inclusiva: Não terem frequentado escola bilíngue nos anos finais do Ensino Fundamental, ou seja, que tenham estudado em classes inclusivas em escola regular com a presença do profissional Intérprete de Libras/Português e que tenham sido o/a único/a aluno surdo/a daquele contexto de sala de aula (portanto sem pares ou mais surdos naquele ambiente, sendo um único surdo em sala de aula pois os pares apresentam diferentes influências nos processos da aquisição da linguagem. Há muitos casos de um único surdo em sala de aula na escola inclusiva, existem raros pares, escolhemos então turmas que tinham um único surdo como o critério dessa metodologia). E que, ainda, tenham participado ou não de Atendimento Educacional Especializado (AEE).

Na seção seguinte, apresentamos a análise e a discussão dos resultados obtidos com este estudo.

#### 4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Os resultados da aplicação do teste de avaliação de compreensão da Libras e da produção em Libras são analisados a partir da verificação do desempenho dos participantes que formam os grupos: educação inclusiva e educação bilíngue. Além disso, a partir dos achados é discutida a relação que possa haver entre os dois contextos de ensino, com base nos pressupostos teóricos apresentados. Por fim, apresentamos os resultados finais e discutimos as hipóteses de pesquisa a partir dos achados deste estudo. Os resultados gerados com a aplicação dos instrumentos de avaliação da compreensão nas duas tarefas e do teste de avaliação da produção em língua de sinais confirmam essa hipótese, haja vista que o grupo da EB alcançou melhores percentuais em todos os testes.

Gráfico 1 – Resultados da aplicação dos instrumentos de coleta e geração de dados por grupo





Podemos constatar um bom desempenho dos participantes da educação bilíngue na tarefa de compreensão. A exposição à língua exerceu grande influência no desempenho do grupo, comprovado com os acertos computados.

Considerando a média de acertos dos grupos, é possível observar uma diferença de pontuação de acertos entre as tarefas 01 e 02. Podemos considerar que a tarefa 01 foi organizada em um nível de compreensão apresentada entre 7,2 e 8,5, há o suporte por meio de imagens selecionadas que contribuem para o entendimento das questões. Na tarefa 02 os dois grupos apresentam a pontuação abaixo de 6 pontos, uma vez que tarefa 02 é de maior complexidade. Analisando especificamente cada tarefa, de modo geral, é possível afirmar que os participantes do grupo da Educação Bilíngue obtiveram bom aproveitamento no que tange à compreensão nas duas tarefas.

Diante disso, verificamos uma média de resultados aproximados no que se refere à produção da narração apresentada pelos surdos, com 1,9% de diferença entre os grupos. Numa perspectiva geral, é possível perceber que o grupo da EB apresentou muito bom desempenho.

Considerando os resultados graficamente apresentados, podemos, também, relacionar o bom desempenho dos participantes da EB aos seus históricos de exposição linguística à Libras e seus processos de aquisição da linguagem dos 4 aos 7 anos de idade, reconsiderando, pois, que o acesso à Libras em ternos de idade é igual para os dois grupos.

Já, para os da EI, esse desempenho pode ser considerado razoável, de modo geral, e se pode levar em conta a situação de privação da língua e a falta de estímulo à linguagem que por algum tempo não foi proporcionada a esses surdos e também de 4 anos aos 7 anos.

Vale relembrar que no grupo com histórico escolar de EI os surdos não tiveram até o momento encontro com seus pares em sala de aula, interação na mesma língua ou reconhecimento acerca da identidade surda através do outro, uma vez que nesse contexto sempre foram os únicos surdos, ainda que com a presença de intérprete de Libras. O convívio com ouvintes tampouco possibilitou a interação com esse aluno surdo, sobretudo porque são poucos os que se interessam pela língua de sinais e pela melhoria desse contato direto, sem que seja necessário passar pela mediação do profissional intérprete. Diante disso, deparamo-nos com possíveis casos de aquisição de linguagem tardia, como já descreveram alguns autores mencionados por Cruz (2016), quando destaca as desvantagens linguísticas encontradas no grupo tardio de aquisição de línguas de sinais por surdos evidenciadas em investigações referências da área (MAYBERRY; EINCEN, 1991; MAYBERRY, 1993; QUADROS; CRUZ, 2011; FERJAN RAMÍREZ; LIEBERMAN; MAYBERRY, 2012). Nesse

sentido, os estudos revelam que os surdos com início da aquisição tardia têm desenvolvimentos inferiores quando comparados aos nativos ou surdos com aquisição precoce, com diferença da compreensão e da produção.

Os sujeitos que tiveram a oportunidade de frequentar uma educação bilíngue, alguns participantes dos testes, comprovaram tanto na parte de compreensão quanto de produções linguísticas algumas vantagens em nível semelhantes ao de pessoas ouvintes em seu processo de escolarização e de aquisição da linguagem, pois tiveram priorizados os aspectos da sua língua, sobretudo o da modalidade espaço visual no acesso às informações e aos conteúdos. Ficou evidente que alguns dos surdos do grupo da EI não alcançaram o mesmo desempenho dos demais, possivelmente, devido à falta de condições durante a escolarização para se desenvolverem linguisticamente de forma completa, por interação em Libras no ambiente escolar inclusivo.

As leis asseguram o acesso à educação bilíngue, como o Decreto n. 5626/2005, que refere a garantia de acesso à Libras, como no Capítulo VII – realização de diagnóstico, atendimento precoce, e encaminhamento para a educação; orientações à família sobre implicações da surdez e do acesso à Libras desde o nascimento.

Os resultados do presente estudo podem ajudar e dar força à importância do início da aquisição da linguagem por surdos mais cedo possível para ocorrer o processo de aquisição normal, bem como é possível aprender uma segunda língua na modalidade escrita, como o Português. O Brasil avança com a Lei n. 13.005 (BRASIL, 2014) que aprova o plano nacional de Educação (PNE) que pode garantir a oferta de educação bilíngue, em Libras (L1) e (LP) de 0-17 anos, Meta 4, que afirma:

4.7) garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais - LIBRAS como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda língua, aos (às) alunos (as) surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classes bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos.

Conforme o documento da implementação da política de educação especial na perspectiva da educação inclusiva que orienta a preparação da escola, a qual precisa adaptar-se às pessoas com deficiências, bem como o PNE pode ofertar um espaço bilíngue. Sugerimos que a Libras necessita ser incluída como disciplina curricular no ensino fundamental e médio, defendendo que a educação inclusiva é muito importante, uma vez que precisa mudar para melhorar o modelo de sociedade, onde há uma maior preocupação com o desempenho da

escola bilíngue do que da educação inclusiva, nós precisamos lutar pela influência de ofertar e divulgar a Libras no paradigma da educação inclusiva.

Considerando que a escola tem um importante papel no processo de aquisição de Libras por surdos como L1, sugerimos que sejam incluídas propostas que possam ser implementadas nas escolas para que alunos surdos adquiram a Libras o mais cedo possível com quantidade e qualidade adequada.

## **CONDIDERAÇÕES FINAIS**

Para conduzir a investigação, elaboramos testes de compreensão da Libras e da produção em Libras visando verificar se haveria diferenças no desempenho linguístico entre estudantes surdos que frequentaram escolas com proposta educacional inclusiva ou escola bilíngue para surdos. Utilizamos análises das respostas sobre o teste envolvendo as questões sinalizadas, a fim de verificar a compreensão. O participante do EB antes de 4 anos de idade apresentou bom desempenho com aquisição precoce, comparando a EI, este apresentou compreensão insuficiente do desempenho constatado pelos erros percebidos nas suas respostas.

De modo geral, os participantes do grupo que frequentou escolas bilíngues para surdos obteve melhor desempenho na produção em Libras, se comparado ao grupo de educação inclusiva. Os resultados da pesquisa evidenciam fortemente o desempenho na compreensão da Libras dos informantes da EB, que vêm de um contexto escolar o qual favoreceu esse desenvolvimento significativamente.

Para os testes de compreensão da Libras, os participantes da EI cometeram mais erros do que os da EB. Os resultados comprovam as desvantagens linguísticas, possivelmente, geradas pela falta de exposição e de contato com a língua, mesmo que em sala de aula com a presença de um intérprete de Libras, sem interação com os pares e demais colegas para a comunicação. Nesse contexto, o surdo acessa a escola inclusiva onde aprende a L1 com profissionais da educação, mas que não lhe favorecem na questão da aquisição da linguagem de forma natural como *input* linguístico ideal. É na educação bilíngue que a língua acontece de forma natural através da interação entre os sujeitos e propicia assim o desenvolvimento da linguagem.

A escola não valoriza a Libras e a Língua Portuguesa igualmente, mas principalmente na instrução escolar é usado o português como língua do país, porque há maioria das falantes

nativos do português, no caso de Libras é pequena a parcela, é minoritária. O respeito à língua materna é direito fundamental.

## REFERÊNCIAS

- BRASIL. **Decreto n. 5.626, de 22 dezembro de 2005**. Regulamenta a Lei n. 10.436. Brasília, DF, 2005.
- BRASIL. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Plano Nacional de Educação – PNE. Brasília, DF, 2014.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S. **Prova de consciência sintática (PCS):** normatizada e validada: para avaliar as habilidades metassintática de escolares de 1ª a 4ª séries do Ensino Fundamental. São Paulo: Memnon, 2006. 75p.
- CAPOVILLA, F. C. et al. Processos logográficos, alfabéticos e lexicais na leitura silenciosa por surdos e ouvintes. **Estudos de Psicologia**, v. 10, n. 1, p. 15-23, 2005.
- CRUZ, C. R. **Consciência fonológica na Língua de Sinais Brasileira (Libras) em crianças e adolescentes surdos com início da aquisição da primeira (Libras) precoce ou tardio**. 209f. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2016.
- FERJAN RAMIREZ, N.; LIEBERMAN, A.; MAYBERRY, R. The initial stages of language acquisition begun in adolescence: When late looks early. **Journal of Child Language**, p. 1-24, 2012.
- FISCHER, S. **Verb Inflections in American Sign Language and Their Acquisition by the Deaf Child**. Paper presented at the Winter Meeting of the Linguistic Society of America. [s.l., s.n.]. 1973.
- GÓES, M. C. R. de. Com quem as crianças surdas dialogam em sinais? In: LACERDA, C. B. F.; GÓES, M. C. R. de (Org.). **Surdez: processos educativos e subjetividade**. São Paulo: Lovise, 2000. p. 29-50.
- HOFFMEISTER, R. J. **Word order in the acquisition of ASL**. Ms. Boston University, 1978.
- HRASTINSKI, I.; RONNIE B. W. Academic Achievement of Deaf and Hard-of-Hearing in an ASL/English Bilingual Program. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education**, p. 156-170, 2016.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição do Parâmetro Configuração de Mão dos Sinais da LIBRAS: estudo sobre quatro crianças surdas filhas de pais surdos**. Dissertação de Mestrado. Instituto de Letras e Artes. PUCRS, Porto Alegre, 1994.
- KARNOPP, L. B. **Aquisição fonológica na língua brasileira de sinais: estudo longitudinal de uma criança surda**. 274 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras e Artes, PUCRS, Porto Alegre, 1999.
- MAYBERRY, R. First-language acquisition after childhood differs from secondlanguage acquisition: The case of American Sign Language. **Journal of Speech and Hearing Research**, v. 36, p. 1258-1270, 1993.
- MEIER, R. **A cross-linguistic perspective on the acquisition of inflection morphology in American Sign Language**. San Diego: University of California, and The Salk Institute for Biological Studies. April. 1980.
- PETTITTO, L. On the Autonomy of Language and Gesture: Evidence from the Acquisition of Personal Pronouns in American Sign Language. **Cognition**, v. 27, n. 1, p. 1-52, 1987.
- PETTITTO, L.; MARENTE, P. Babbling in the Manual Mode: Evidence for the Ontogeny of Language. **Science**, v. 251, p.1493-1496, 1991.
- PIZZIO, A. L.; QUADROS, R. M. **Aquisição da Língua de Sinais**. Universidade Federal de Santa Catarina. Licenciatura em Letras-Libras na Modalidade a Distância. Florianópolis, SC, 2011.
- QUADROS, R. M. **As categorias vazias pronominais: uma análise alternativa com base na LIBRAS e reflexos no processo de aquisição**. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do RS, Porto Alegre, 1995.
- QUADROS, R. M. **Educação de surdos: a aquisição da linguagem**. Porto Alegre: Artmed, 1997.
- QUADROS, R. M. de; CRUZ, C. R. **Língua de Sinais: instrumentos de avaliação**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- QUADROS, R. M.; CRUZ, C.; PIZZIO, A. L. Desenvolvimento da língua de sinais: a determinação do input. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DA ISAPL, 8., 2007, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: ISAPL, 2007.
- SACKS, O. **Vendo vozes**. Rio de Janeiro: Imago, 1990.